



A EMIGRAÇÃO DE MÉDICOS PORTUGUESES

Daniel Bastos *Historiador e autor de livros sobre emigração*

Dentro dos novos movimentos da emigração portuguesa, cada vez mais marcada pelo aumento do número de emigrantes com o ensino superior, a saída para o estrangeiro de profissionais de saúde ao longo dos últimos anos tem ocupado um lugar de crescente relevo na percentagem dos grupos socioprofissionais que vivem fora do país.

Um dos grupos mais conhecidos na área da saúde, cujos profissionais têm optado por trabalhar no estrangeiro, é o dos enfermeiros, que perante a falta de trabalho e de contratos precários, têm encontrado nos chamados países ricos as oportunidades que não conseguem em Portugal.

Em 2013, ano em que saíram do nosso país 128 mil emigrantes, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), apontava que só no Reino Unido trabalhavam mais de um milhão de enfermeiros portugueses, e na Bélgica cerca de duas centenas.

Esta considerável saída de profissionais de saúde nos últimos tempos está ainda a ser engrossada pela emigração de médicos portugueses. Em 2014, segundo registos da Ordem dos Médicos, emigra-

ram 394 médicos lusos, sendo que ano seguinte a mesma entidade que regula a prática médica em Portugal registou a saída de 475 médicos.

O Reino Unido, a França, a Espanha, assim como os Emirados Árabes Unidos e a Arábia Saudita, encontram-se no rol de nações que têm captado as preferências dos clínicos portugueses que procuram exercer a atividade médica no estrangeiro.

As razões da emigração de médicos portugueses, sobretudo médicos de família, centram-se nas dificuldades que vários jovens clínicos enfrentam para fazer a especialidade, na degradação das condições de trabalho, na demora dos concursos e nas diferenças entre ordenados, e é reveladora da falta de visão estratégica que perpassa a sociedade portuguesa.

No mínimo, é um contrassenso assistir ao aumento da emigração de médicos recém-formados, cuja formação básica individual custa aos contribuintes portugueses cerca de 100 mil euros, quando há vagas para médicos por preencher no interior do país, e um estudo recente de investigadores da Universidade do Porto (ISPUP) sustenta que a falta de médicos de Saúde Pública em Portugal, juntamente com o envelhecimento dos atuais profissionais da especialidade, coloca em risco a qualidade de serviços à população.

“AS RAZÕES DA EMIGRAÇÃO DE MÉDICOS PORTUGUESES CENTRAM-SE NAS DIFICULDADES QUE VÁRIOS JOVENS CLÍNICOS ENFRENTAM PARA FAZER A ESPECIALIDADE, NA DEGRADAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO, NA DEMORA DOS CONCURSOS E NAS DIFERENÇAS ENTRE ORDENADOS”

P13 A emigração de
médicos portugueses



Daniel Bastos
Historiador
e autor